

Mais paraenses deixam de ser pobres

CIDADANIA

Educação pode ser forte ferramenta para combater a miséria e a pobreza

Quem entra na casa da empregada doméstica Darlinge Rodrigues Brito, de 39 anos, não imagina que um dia ela já viveu num barraco de madeira e passou fome. Morando em uma casa de dois andares de alvenaria e com fatura na mesa, a maranhense e uma das brasileiras que, um dia, já viveu abaixo da linha da pobreza, quando o indivíduo sobrevive com menos de US 1 por dia, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU).

De acordo com estudo divulgado pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV SP), é necessário R\$ 1,69 milhão por mês para acabar com a fome no Brasil. Segundo o estudo, para eliminar a fome e a miséria, cada brasileiro deveria fazer uma doação de R\$ 14 por mês. "Só que essa é a principal questão: não é todo mundo que se dispõe a ajudar", lamenta José Deiras, coordenador estadual da organização não-governamental (ONG) "Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida", que coordena o programa "Natal

dos Sonhos" - que até 2006 se chamava "Natal Sem Fome".

O Pará tem sete milhões de habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desses, três milhões são pobres e 525 mil vivem de benefícios do governo federal. Deiras explica que a Ação e Cidadania tem como objetivo fomentar a sensibilização e a mobilização da sociedade brasileira, através da luta contra a situação de miséria, que grande parte dos brasileiros vive. "Queremos contribuir para a formulação de políticas públicas que visem à diminuição da exclusão social, através do acesso ao exercício da cidadania como direito de todos", afirma.

E foi lutando pelo exercício de sua cidadania que a empregada Darlinge, saiu da linha da pobreza. "Comecei a trabalhar com 11 anos pra ajudar em casa. Não ganhava quase nada. Tinha dias em que trabalhava o dia todo e ainda precisava ir pra escola", lembra Darlinge, que saiu do Maranhão aos 18 anos. Ela conta que casou e morou com a mãe durante algum tempo. Há 11 anos, conseguiu comprar um terreno com as economias que juntou com o marido, que trabalha como ajudante de pedreiro. "Foi tudo muito difícil. Os filhos chegaram e as

“Queremos contribuir para a formulação de políticas públicas”

despesas em casa só aumentaram. Mas conseguimos superar e hoje não falta comida em casa. Temos até computador com acesso à internet”, orgulha-se.

OPORTUNIDADE

Diferente de Darling, a re-

lações públicas Glenda Abdon Gonçalves nunca passou fome. Glenda estudou nas melhores escolas de Belém, fala dois idiomas e viajou por vários países de férias e para estudar. “Acredito que essa oportunidade não chega para todo mundo. Mesmo assim, acho que o grande responsável pela pobreza no país é o próprio sistema. São os políticos, os empresários e a própria sociedade, que ao invés de criar ações efetivas para resolver o problema da fome, da educação e da saúde, reclamam e acabam

não encontrando uma solução para o problema, que cresce a cada dia”, lamenta.

Para Jose Oeiras, o modo mais eficaz de a fome e a miséria serem eliminados no Brasil é através da educação. “Um país que investe na educação é capaz de resolver outros problemas. Foi com esse pensamento que modificamos nosso foco, que antes era através da distribuição de cestas básicas, para as ações de incentivo à leitura nas localidades mais carentes”, explica Jose Oeiras.

Até 2015, a meta da campanha é acabar com o índice de analfabetismo no Brasil, que é o 72º no ranking mundial, ficando atrás da Argentina e do Chile, por exemplo. “Queremos superar esses índices, através da educação. Acredito que a educação, enquanto inclusão social, é capaz de mudar todo o país”, afirma Oeiras, que destaca as cidades de Ourem, Altamira e Capitão Poço como algumas das regiões que concentram os maiores índices de pobreza no Estado.



Darlinge Brito: com determinação venceu a pobreza